

Drogas, Violência e Aspectos Emocionais em Apenados

Drugs, Violence and Emotional Aspects in Prisoners

Gislaine Pereira Tavares^a, Morgana Scheffer^b, & Rosa Maria Martins de Almeida^{*, b}

^aUniversidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil

& ^bUniversidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo

Objetivo deste trabalho foi avaliar: o abuso/dependência de drogas; os aspectos emocionais de carcerários e relacionar o uso de drogas com a conduta agressiva; sintomas depressivos e ansiosos; tipo de crime e reincidência. Os instrumentos utilizados foram: BDI, BAI, STAXI e MINI Plus. Os participantes ($N=60$) tinham média de idade de 27,88 ($\pm 4,53$) anos com período mínimo de quatro meses de prisão. Constatou-se um nível de agressividade baixo, de sintomas depressivos e ansiosos mínimos, elevado índice de uso abusivo de álcool e outras drogas e associação entre uso de drogas, sintomas depressivos e agressividade. Concluiu-se que na amostra estudada houve alta frequência de uso de álcool e crime por roubo e que o uso de drogas tem um papel importante na agressividade e nos sintomas depressivos.

Palavras-chaves: Agressividade, depressão, ansiedade, homens, Neuropsicologia.

Abstract

The objectives of the present work were to evaluate the severity of drug abuse and drug dependence among prisoners as well as their emotional aspects, and to relate drug use with violent behavior, symptoms of depression and anxiety, type of crime and relapse. The instruments used were: BDI, BAI, STAXI and MINI Plus. The participants ($N=60$) were on average 27.88 years old ($SD=4.53$) and the minimum period of imprisonment was four months. The results showed that aggressiveness levels were low, and depression and anxiety levels were minimal in prisoners. However, a long history of alcohol consumption and other drugs abuse were observed among them as well as traits of depressive symptoms and aggressiveness. In conclusion, a large number of prisoners were alcohol addicted and their main kind of crime was robbery. They also showed emotional disorders related to aggressiveness and depression.

Keywords: Aggressiveness, depression, anxiety, men, Neuropsychology.

O fenômeno da violência vem sendo estudado em diversas áreas, principalmente, na psicologia, devido ao seu potencial de ameaça à vida (Liu & Werker, 2005). Destaca-se que a compreensão do fenômeno da violência deve iniciar com o reconhecimento de que é um problema mundial, histórico e multifatorial, sendo sua conceituação, considerada complexa, já que apresenta variações conforme valores culturais que são vigentes em um determinado período histórico (Almeida, 2002; Gauer, 2001; Guareschi, Weber, Comunello, & Nardini, 2006; Marzial, 2004; Minayo, 1994). De acordo com o 3º Relatório Nacional sobre Direitos Humanos no Brasil, entre os anos de 2000 e 2004 foram assassinadas cinco pessoas por dia somente no Estado do Rio Grande do Sul, e mais de 75% delas eram homens adultos jovens (Neto & Alves, 2007; Santos, Barcellos, Carvalho, & Flôres, 2001). O

número de mortes violentas, bem como o de homicídios no Estado do RS são significativamente elevados, sendo que em 2008, apresentou a maior taxa de homicídios (entre 29,70 e 165,30 por cada 100.000 habitantes), sendo de 10% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008; Waiselfisz, 2008). Estudos indicam que há relação da violência com a baixa escolaridade, depressão, ansiedade, drogadição, falta de oportunidade de trabalho, ansiedade e temperamento agressivo (Bitencourt, 1993; Carvalho, Valente, Assis, & Vasconcelos, 2006; Chalub & Telles, 2006; Conner, Cox, Tian, Nisbet, & Conwell, 2001; Soares, Almeida-Filho, Coutinho, & Mari, 2004).

A ligação entre a violência e uso abusivo ou dependência de drogas afeta todas as áreas da sociedade (Madruga et al., 2010; Serrat, 2001), sendo que o consumo de drogas é um importante fator de risco para comportamentos violentos, como homicídios, suicídios, violência doméstica e acidentes de trânsito (Laranjeira, Duailibi, & Pinsky, 2005; Moraes, 2001; Tavares, 2008). Existe associação entre o uso do álcool e outras drogas com o desfecho de homicídios em um percentual de 50% dos casos (Carlini, Galduróz, Noto, & Nappo, 2002; Carvalho et al., 2006; Laranjeira & Romano, 2004). Porém, o número de pes-

* Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600, Santa Cecília, Porto Alegre, RS, Brasil 90035-003. Tel.: (51) 3308-5066; Fax: (51) 3308-5470. E-mail: rosa_almeida@yahoo.com ou rosa.almeida@ufrgs.br

soas que faz uso do álcool ou outras drogas é muito maior do que os indivíduos que cometem assassinatos, por isso é difícil a identificação de uma única relação de causa/efeito (Sanceverino & Abreu, 2004).

O uso abusivo do álcool (Franklin, Laveist, Webster, & Pan, 2010) ou outras drogas é um importante desencadeador de mudanças no comportamento e na personalidade, geralmente, sendo prejudiciais às interações sociais e pessoais. Dentro de alguns sintomas dessa mudança deve ser destacada a ansiedade, a agressividade e a depressão, que podem gerar falta de empatia e controle emocional, aumentando, assim o risco de envolvimento em situações violentas (Brun & Andersson, 2001; Diehl, Cordeiro, & Laranjeira, 2010; Laranjeira & Romano, 2004; Mitchell, Fields, D'Esposito, & Boettiger, 2005; Monnot, Nixon, Lovallo, & Ross, 2001; Sanceverino & Abreu, 2004). Estudo mostrou que indivíduos com transtornos psiquiátricos apresentaram maior incidência de violência quando em comorbidade com abuso ou dependência de substâncias (Elbogen & Johnson, 2009).

A partir do exposto acima, esse trabalho junto à população carcerária masculina de uma cidade da Grande Porto Alegre teve por objetivo averiguar o tipo de crime praticado e sua associação com os aspectos emocionais, verificar o índice de reincidência e a existência do uso, abuso ou dependência do álcool e/ou outras drogas, avaliar os aspectos emocionais e a presença de transtornos psiquiátricos do Eixo I do DSM-IV.

Método

Participantes

Esse estudo foi realizado com 60 apenados de um presídio de uma cidade da Grande Porto Alegre com média de idade de 27,88 anos e ($DP = 4,53$), todos do sexo masculino. O cálculo do tamanho da amostra foi feito utilizando-se o programa Statcalc do Epi-Info versão 3.4, estimando-se uma participação de 30 indivíduos para um nível de confiança de 95%. A maioria da população apresentou baixa escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto). Como critério de exclusão, determinou-se a presença de transtornos psicóticos.

Procedimentos

Este estudo seguiu as normas estabelecidas para a realização de pesquisa com seres humanos pelo Conselho Federal de Psicologia – Resolução nº. 016/2000 e pelo Conselho Regional de Saúde (1996) – Resolução nº. 196/96. Inicialmente, foi efetuado contato com a direção e equipe técnica da Instituição e após, foi realizada a coleta de dados, sendo que todos os homens que ingressaram na pesquisa tiveram contato com a proposta do trabalho e puderam optar em participar ou não da mesma após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual explicava todo o procedimento. Os participantes que aceitaram participar da pesquisa assinaram

o TCLE, recebendo uma cópia do mesmo para ficar em seu poder. A entrevista foi realizada nas dependências do próprio presídio, mediante autorização da direção do mesmo, e a aplicação se deu de forma individualizada em sala isolada num encontro de aproximadamente sessenta minutos.

Foi realizado um cálculo amostral que inferiu o número de 30 participantes. Porém, foi possível obter participação maior, totalizando 60 presos entrevistados, correspondendo a 50% da população total da Instituição.

O trabalho foi realizado em duas etapas, na primeira foi feita a coleta dos dados sociodemográficos (questionário semi-estruturado) na qual o avaliador anotou todas as respostas do sujeito numa folha de respostas. Foi fornecida uma cópia de cada instrumento para que o entrevistado pudesse seguir a leitura dos itens e facilitar a concentração nos mesmos; e na segunda etapa foram aplicadas escalas com o intuito de avaliar os aspectos emocionais como: depressão, ansiedade, agressividade e possíveis transtornos psiquiátricos, bem como uso abusivo e dependência de drogas em ordem alternada, para evitar o viés da ordem de aplicação dos instrumentos.

Após a aplicação dos instrumentos e o levantamento dos dados, foi realizada uma devolução dos resultados para a equipe técnica do presídio. Foram mantidas sob o sigilo todas as informações coletadas que pudessem identificar os participantes.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. A coleta dos dados sociodemográficos foi efetuada através de um questionário, contendo informações sobre características pessoais, familiares e da dinâmica em relação ao álcool ou outras drogas.

Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI Plus; Sheehan et al., 1998). Instrumento traduzido e adaptado para a população brasileira por Amorim (2000), foi aplicado com o objetivo de avaliar a existência de transtornos psiquiátricos do Eixo I do DSM-IV, como também abuso e dependência química. O instrumento foi validado no Brasil em 2000 e apresenta alfa de Cronbach de 0,74.

Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI). Foi usado com a finalidade de avaliar a agressividade através da mensuração de experiências e expressões de raiva, como estado e traço (Spielberger, 1979). O instrumento foi traduzido e adaptado por Biaggio em 2003, apresentando alfa de Cronbach maior que 0,60.

Inventário Beck de Depressão (BDI; Beck & Steer, 1993). Instrumento adaptado e padronizado para a população brasileira por Cunha (2001), avalia sintomas depressivos em graus crescentes de gravidade. Apresentou alfa de Cronbach de 0,81.

Inventário Beck de Ansiedade (BAI; Beck & Steer, 1993). Instrumento adaptado e padronizado para o Brasil por Cunha (2001), avalia sintomas de ansiedade numa

escala de zero a quatro pontos que identificam níveis de gravidade crescente de cada sintoma. Apresentando alfa de Cronbach de 0,87.

Análise dos Dados

A análise dos dados consistiu em procedimentos descritivos para as variáveis sociodemográficas e para as variáveis de interesse, envolvendo propriedades de distribuição, medidas de tendência central e medidas de dispersão ou variabilidade. Considerando o aspecto exploratório do estudo, os dados foram apresentados em termos de frequências observadas. A estatística inferencial consistiu em cálculos correlacionais (coeficiente de correlação para postos – Spearman e coeficiente de correlação produto-momento – Pearson). Todos os cálculos foram realizados no programa *SPSS for Windows* (versão 17.0). Foi adotado um nível de significância de 0,05.

Resultados

Nesta pesquisa, constatou-se que 74% da população carcerária possuía Ensino Fundamental Incompleto ($n=43$), 50% solteiros e 88,3% não estavam trabalhando na ocasião do crime. Os tipos de crimes pelos quais os presos entrevistados cumpriam pena foram: roubo para 83% ($n=50$) e homicídio para 17% ($n=10$) dos presos. O tempo de prisão variou de quatro a 60 meses em regime semi-aberto ou fechado, respondendo pelos crimes de roubo, atentado violento ao pudor e homicídio.

O uso do álcool e outras drogas foi relatado por 80% ($n=48$) da amostra estudada. A droga de maior prevalência foi o álcool, sendo que entre os 48 sujeitos que relataram o uso de algum tipo de droga, todos faziam uso dessa substância. As demais drogas mais citadas foram respectivamente a maconha (29%, $n=14$) e a cocaína (8%, $n=4$), sendo que 58,3% da amostra estudada estava em abstinência da maconha e da cocaína, a maioria destes, há mais de um ano. Ressalta-se que 48% ($n=29$) da população carcerária estudada relatou ter iniciado o uso do álcool e de outras drogas entre os 10 e 15 anos; e 6% ($n=4$) informaram ter iniciado o uso antes dos 10 anos de idade. O índice de reincidência criminal da população carcerária do presídio foi de 18,33% ($n=11$) dos apenados.

Os homens apenados apresentaram nível elevado de abuso de drogas atual, que foi constatado em 60% ($n=35$) dos entrevistados. O abuso do álcool atual foi constatado em 22% ($n=13$) dos presos. A dependência de drogas atual (que não o álcool) foi verificada em 30% ($n=18$) e do álcool em 43% ($n=26$) dos presos (ver Tabela 1).

Dentre os sessenta presos, 63% ($n=38$) apresentou nível leve de sintomas depressivos, sendo que 63% ($n=38$) apresentaram episódio depressivo maior atual. Os

sintomas ansiosos de nível mínimo estavam presentes em 25% ($n=18$) dos participantes da pesquisa. A agressividade apresentou escores mais elevados na expressão da raiva dos apenados, não sendo representativo (ver Tabela 2). O transtorno de personalidade antissocial foi constatado em 3% ($n=2$) dos entrevistados (ver Tabela 1).

Tabela 1

Transtornos Psiquiátricos do Eixo I, coletados através da Entrevista Semi-estruturada MINI Plus aplicada nos Apenados (N=60)

Transtornos Psiquiátricos	N	%
Episódio Depressivo Maior Atual	38	63
Abuso de Substância (que não o álcool)	35	59
Dependência de Álcool	23	43
Dependência de Substâncias (que não o álcool)	18	30
Transtorno de Ansiedade	15	25
Abuso Álcool	13	22
Risco de Suicídio Atual	8	13
Transtorno de Personalidade Antissocial	2	3

Tabela 2

Descrição das Variáveis Estudadas quanto à Agressividade/Raiva (STAXI), Nível de Depressão (BDI) e Nível de Ansiedade (BAI) dos Apenados (N=60)

Variáveis Estudadas	M	DP
STAXI		
Estado	12,60	7,17
Traço	17,93	5,45
Temperamento	6,26	2,06
Reação	8,58	3,26
Raiva de Dentro	19,06	5,42
Raiva de Fora	12,75	5,06
Controle	25,43	5,48
Expressão	23,06	12,69
BDI	14,88	8,54
BAI	6,33	5,30

Em relação às correlações com o uso de drogas, foi verificada associação estatisticamente significativa positiva com a reincidência criminal; com crime por roubo; com o traço de raiva; com o temperamento agressivo; e com sintomas depressivos (ver Tabela 3). Estes resultados mostraram que quanto maior o uso de drogas maior o sentimento de raiva, agressividade, nível dos sintomas depressivos e reincidência de crimes ou vice-versa.

Tabela 3
Correlações dos Valores Brutos Obtidos nos Instrumentos, Tipo de Crime, Agressividade, Sintomas Depressivos e Reincidência Criminal dos Apenados com o Uso de Drogas (N=60)

Variáveis	Uso de Drogas R
Reincidência Criminal	0,798*
Tipo de Crime (roubo)	0,879*
Agressividade (traço de raiva)	0,727*
Agressividade (temperamento agressivo)	0,718*
Sintomas Depressivos	0,935*

* $p < 0,001$.

Discussão

A população estudada apresentou baixa escolaridade, fato que já foi constatado em outras pesquisas realizadas (H. Oliveira & Cardoso, 2004; Zanin & R. Oliveira, 2006) e que representa uma das principais dificuldades para a inclusão social do apenado na sociedade (Araújo, 2007), sendo que grande parte da amostra não estava trabalhando.

A maior parte da população carcerária estava respondendo processo por roubo, confirmando o dado apresentado pelas demais instituições penitenciárias do Brasil (Paixão & Beato, 1997). A dificuldade de inserção no mercado de trabalho e de obtenção de renda, frente à cultura atual na sociedade e à impunidade podem levar a comportamentos inadequados, muitas vezes, levando ao furto e ao roubo (Maldonado, 1997; Minayo & Deslandes, 1998). Pode estar envolvida também, processos cognitivos, como a falta de habilidade de compreender e tomar decisões corretas e adequadas, levando a atitudes mal elaboradas. A reincidência esteve presente, assim como em outros estudos realizados no Brasil (Carvalho et al., 2006; Chalub & Telles, 2006; A. Oliveira, 2003) e apresentou relação com o uso de drogas. A reincidência criminal e seu retorno à instituição penal podem desencadear problemas emocionais e de comportamento (Nascimento, 2006; A. Oliveira, 2003).

É complexa a relação do uso do álcool com a violência e não há uma causa única que determine se o álcool gera comportamento agressivo, se a agressividade desencadeia o consumo da droga ou se ambos sofrem influência do contexto social para coexistirem (Laranjeira et al., 2005). O índice elevado do uso do álcool entre os presos demonstrou que essa droga pode ser uma facilitadora do comportamento agressivo (Grant et al., 2006; Laranjeira et al., 2005; Martin & Bryant, 2001). Foi verificado o início precoce do uso de drogas pela população carcerária, observou-se que a média de idade do primeiro contato com as drogas vem diminuindo muito com o tempo o que

aumenta a probabilidade de haver dependência química, quando os indivíduos chegam à idade adulta (Bonomo et al., 2001; Pechansky, Szobot, & Scivoletto, 2004). O uso de álcool ou qualquer outra droga, na adolescência representa um grande fator de risco para o envolvimento com gangues e comportamento violento, bem como dificuldades cognitivo-comportamentais e emocionais (Cohen et al., 2003; Micheli & Formigoni, 2001; Pechansky & Barros, 1995).

Os presos que faziam uso de drogas demonstraram maior nível de depressão, sendo que os transtornos depressivos estão mais frequentemente associados à dependência química, podendo ser tanto causa, como efeito do uso abusivo (Brun & Andersson, 2001; Laranjeira et al., 2005; Minayo & Deslandes, 1998), como também, maior agressividade. Alterações químicas causadas pelo uso frequente podem resultar em dependência tanto psicológica, quanto física, contribuindo para o surgimento de alterações emocionais e comportamentais (Scheffer, Pasa, & De Almeida, 2009). Algumas pesquisas apontam as drogas como sendo causa, consequência ou mediadoras de comportamentos agressivos, principalmente na população masculina (Babor et al., 2003; Borders, Barnwell, & Earleywine, 2007; Laranjeira et al., 2005). É significativo o número de estudos que confirmam a relação entre o abuso de álcool ou outras drogas com situações de violência (Abrahams, Jewkes, Laubscher, & Hoffman, 2006; Borders et al., 2007; Chalub & Telles, 2006; Chermack, Murray, Walton, & Booth, 2008; De Almeida, Pasa, & Scheffer 2009; Franklin et al., 2010; Laranjeira & Romano, 2004; Martin & Bryant, 2001; Watzke, Ullrich, & Marneros, 2006).

O elevado índice de abuso de drogas, geralmente, está presente nos momentos que antecedem os comportamentos violentos (Laranjeira et al., 2005; Moraes, 2001) e a dependência do álcool e de outras drogas, como a maconha nos presos apresentou elevada frequência e seu uso esteve associado com o temperamento e o traço de raiva, sugerindo que os apenados apresentam hábitos agressivos e possuem uma tendência para a raiva, o que pode ser consequência da diminuição do prazer com um período de euforia cada vez menor, acompanhada do aumento dose sintomas de irritabilidade (Satel & Edell, 1991), o que acaba por ocasionar episódios de raiva cada vez mais frequentes.

Os aspectos emocionais, quando associados à dependência do álcool ou outras drogas, muitas vezes, acompanham atos violentos (Badawy, 2003; Corrigan & Watson, 2007). Desta forma, constata-se que o álcool pode causar alteração na capacidade de compreensão da emoção ligada à linguagem, resultando em erros de julgamento o que pode acarretar, juntamente com a agressividade causada pela ação psicoativa do álcool, comportamentos violentos (De Almeida et al., 2009).

Os sintomas psiquiátricos dos transtornos depressivos e ansiosos estão frequentemente associados à dependên-

cia química, podendo ser tanto causa, como efeito do uso abusivo (Brun & Andersson, 2001; Laranjeira et al., 2005; Minayo & Deslandes, 1998). Em vários estudos o transtorno psiquiátrico mais comum nas populações carcerárias é o transtorno de personalidade antissocial (Gauer, 2001; Raine, 2002; Sabbatini, 2008).

No presente estudo, esse índice não foi elevado, o que nos faz supor que o instrumento utilizado não tenha avaliado de maneira adequada tal transtorno, como também, o fato de estar preso, diminui o contato e o consumo de drogas, o que pode ter contribuído para a não representatividade da raiva apresentada pela presente amostra, assim como, os sintomas depressivos de nível leve, clinicamente não significativo, o que pode ter contribuído para a baixa incidência de risco de suicídio, pois a associação entre dependência do álcool e depressão resulta em alto risco para o suicídio (Brady, 2006). Entretanto, a alta prevalência de episódios de depressão apresentado pela população carcerária do presente estudo pode estar relacionado ao contexto penitenciário ao qual estão inseridos e/ou devido a alta frequência de consumo de álcool, pois essa substância tende a desencadear modificações no comportamento do usuário, resultando em episódios depressivos provisórios (Lejoyeux & Lehert, 2010).

Por ser considerada multifatorial, a origem do comportamento violento não está completamente esclarecida, porém, pesquisas revelam que a agressividade, geralmente, apresenta-se associada à depressão, sendo que o diagnóstico desse transtorno é considerado importante fator de risco para a violência (Andrade & Gorenstein, 2001; Badawy, 2003; Corrigan & Watson, 2005; Gauer, 2001).

A ansiedade obteve escore mínimo na escala BAI, não apontando para transtorno específico, isso contraria pesquisas que apontam o transtorno de ansiedade como um dos mais frequentes na sociedade atual, tendo relação próxima com o comportamento agressivo, pois a agressividade tende a impedir o controle dos impulsos emocionais e prejudicar as relações sociais (Andrade & Gorenstein, 2001; Badawy, 2003; Castillo, Recondo, Asbahrc, & Manfro, 2000). Supõe-se que, em função dos apenados estarem reclusos, o nível de ansiedade tenha sido menor do que nos momentos em que ocorreram os eventos violentos. Contudo, corroborando com a falta de sintomas ansiosos significativos, estudo feito por Medina, Echeburúa, e Aizpiri (2010), com dependentes de maconha não apresentaram ansiedade representativa quando comparados aos indivíduos não-dependentes, sendo a maior característica desta população, as ideias paranoídes. Fator importante a ser considerado, é a baixa prevalência de consumo de cocaína atual apresentado pelos apenados, quando comparado ao consumo do álcool, pode ter contribuído para a ausência de sintomas de ansiedade elevado, pois o uso combinado destas drogas resulta em uma terceira substância, o cocaetileno, que causa uma prolongada sensação de euforia e aumento dos batimentos cardíacos (Schmitz, Stotts, Sayre, DeLaune, & Grabowski, 2004).

Considerações Finais

Constatou-se a existência de uma forte correlação entre o uso de drogas, reincidência criminal e tipo de crime, no caso roubo e com a agressividade. Foi concluído, com a pesquisa, que a população carcerária masculina estudada apresentou um índice elevado de uso abusivo de drogas, sendo o álcool a droga mais utilizada. O índice de reincidência foi elevado, concordando com a média nacional e os presos estavam respondendo processo por roubo e homicídio. Entre os aspectos emocionais, os apenados apresentaram alta frequência de episódio depressivo maior.

Vale destacar a importância da realização da pesquisa dentro de uma instituição penitenciária, pois o estudo apresenta à sociedade a realidade precária do sistema prisional brasileiro, que teve sua função de ressocialização e reeducação instaurada a partir do Código Penal de 1940 (Pierangeli, 2000). Porém, até hoje, essa proposição não foi alcançada, já que o tratamento disponibilizado ao detento é exclusivamente punitivo e generalizado, não oferecendo um plano individual de acompanhamento ou qualquer outra política de atenção à saúde e assistência social. Este cenário de abandono potencializa a continuidade do elevado índice de reincidência, violência e exclusão social ao qual a população carcerária está inserida (Bitencourt, 1993; Fonseca, 2006; Goffman, 2001; Minayo & Deslandes, 1998).

Ressalta-se a importância da atenção no âmbito biopsicossocial do apenado (Gauer, 2001), pois o comportamento violento talvez possa ser modificado, tornando-se imprescindível a compreensão e intervenção interdisciplinar nos fenômenos violentos e suas especificações na vida do sujeito na sua comunidade.

Referências

- Abrahams, N., Jewkes, R., Laubscher, R., & Hoffman, M. (2006). Intimate partner violence: Prevalence and risk factors for men in Cape Town, South Africa. *Violence and Victims, 21*(2), 247-264.
- Almeida, S. (2002). Violência e subjetividade. In C. Rauter, E. Passos, & R. Benevides-de-Barros (Eds.), *Clinica e politica: Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos* (pp. 45-50). Rio de Janeiro, RJ: TeCorá.
- Amorim, P. (2000). *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI): Validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 22*(3), 106-115.
- Andrade, L., & Gorenstein, C. (2001). Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research, 34*, 367-374.
- Araújo, E. (2007). Prisão e socialização: A penitenciária Lemos Brito. *Revista CEJ, 36*, 83-89.
- Babor, T. F., Caetano R., Caswell S., Edwards G., Giesbrech N., & Graham K. (2003) *Alcohol: No ordinary commodity: Research and public policy*. Oxford, UK: Oxford University Press.

- Badawy, A. (2003). Alcohol and violence and the possible role of serotonin. *Criminal Behavior Mental Health, 13*(1), 31-44.
- Beck, A. T., & Steer, R. A. (1993). *Beck Depression Inventory. Manual*. San Antonio, TX: Psychological Corporation.
- Biaggio, A. (2003). Ansiedade, raiva e depressão na concepção de C. D. Spielberger. *Revista de Psiquiatria e Clínica, 25*(6), 291-293.
- Bitencourt, C. (1993). *Falência da pena de prisão*. São Paulo, SP: Revista dos Tribunais.
- Bonomo, Y., Coffey, C., Wolfe, R., Lynskey, M., Bowes, G., & Patton, G. (2001). Adverse outcomes of alcohol use in adolescents. *Addiction, 96*(10), 1485-1496.
- Borders, A., Barnwell, S., & Earleywine, M. (2007). Alcohol – aggression expectancies and dispositional rumination moderate the effect of alcohol consumption and alcohol-related aggression and hostility. *Aggressive Behavior, 33*(4), 327-333.
- Brady, J. (2006). The association between alcohol use and suicidal behaviour. *Alcohol and Alcoholism, 41*, 473-478.
- Brun, A., & Andersson, J. (2001). Frontal dysfunction and frontal cortical synapse loss in alcoholism—the main cause of alcohol dementia? *Dementia Geriatric Cognitive Disorder, 12*(4), 289-294.
- Carlini, E., Galduróz, J., Noto, A., & Nappo, S. (2002). *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil: Estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001*. São Paulo, SP: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.
- Carvalho, M., Valente, J., Assis, S., & Vasconcelos, A. (2006). Perfil dos internos no sistema prisional do Rio de Janeiro: Especificidades de gênero no processo de exclusão social. *Ciência & Saúde Coletiva, 11*(2), 461-472.
- Castillo, A., Recondo, R., Asbahrc, F. R., & Manfro, G. G. (2000). Transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 22*(2), 20-23.
- Chalub, M., & Telles, L. (2006). Álcool, drogas e crime. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 28*(Supl. 2), S69-S73.
- Chermack, S., Murray, R., Walton, M., & Booth, B. (2008). Partner aggression among men and women in substance use disorder treatment: Correlates of psychological and physical aggression and injury. *Drug and Alcohol Dependence, 98*, 35-44.
- Cohen, P., Cohen, J., Kasen, S., Velez, C., Hartmark C., Johnson J., et al. (2003). An epidemiologic study of disorders in late childhood and adolescence, I: Age and gender-specific prevalence. *Journal Child Psychology and Psychiatry, 34*, 851-867.
- Conner, K., Cox, C., Tian, L., Nisbet, P., & Conwell, Y. (2001). Violence, alcohol, and completed suicide: A case-control study. *American Journal of Psychiatry, 158*(10), 1701-1705.
- Corrigan, A., & Watson, P. (2007). How children stigmatize people with mental illness. *International Journal of Social Psychiatry, 53*(6), 526-546.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- De Almeida, R. M. M., Pasa, G. G., & Scheffer, M. (2009). Álcool e violência em homens e mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(2), 252-260.
- Diehl, A., Cordeiro, D. C., & Laranjeira, R. (2010). Cannabis abuse in patients with psychiatric disorders: An update to old evidence. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 32*(1), 41-45.
- Elbogen, E. B., & Johnson, S. C. (2009). The intricate link between violence and mental disorder: Results from the National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions. *Archives of General Psychiatry, 66*(2), 152-161.
- Fonseca, K. (2006). (Re)Pensando o crime como uma relação de antagonismo entre seus autores e a sociedade. *Psicologia: Ciência e Profissão, 26*(4), 532-547.
- Franklin, F. A., Laveist, T. A., Webster, D. W., & Pan, W. K. (2010). Alcohol outlets and violent crime in Washington D.C. *The Western Journal of Emergency Medicine, 11*(3), 283-290.
- Gauer, G. (2001). Personalidade e conduta violenta. *Revista de Ciências Sociais, 1*(2), 145-165.
- Goffman, E. (2001). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Grant, J., Scherrer, J., Lynskey, M., Lyon, M., Eisen, S., Tsuang, W., et al. (2006). Adolescent alcohol use is a risk factor for adult alcohol and drug dependence: Evidence from a twin design. *Psychological Medicine, 36*(1), 109-118.
- Guareschi, N., Weber, A., Comunello, L., & Nardini, M. (2006). Discussões sobre violência: Trabalhando a produção de sentidos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(1), 122-130.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2008). *Indicadores de desenvolvimento sustentável*. Retrieved January 10, 2008, from <http://www.ibge.gov.br>
- Laranjeira, R., Duailibi, S., & Pinsky, I. (2005). Álcool e violência: A Psiquiatria e a saúde pública. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 27*(3), 176-177.
- Laranjeira, R., & Romano, M. (2004). Brazilian consensus on public policies on alcohol. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 26*(1), 68-77.
- Lejoyeux, M., & Leher, P. (2010). Alcohol use disorders and depression: Results from individual patient data meta-analysis of the acamprosate-controlled studies. *Alcohol and Alcoholism, 1-7*.
- Liu, J., & Werker, A. (2005). Biosocial bases of aggressive and violent behavior: Implications for nursing studies. *International Journal of Nursing Studies, 42*(2), 229-241.
- Madruga, C. S., Laranjeira, R., Caetano, R., Ribeiro, W., Zaleski, M., Pinsky, I., et al. (2010). Early life exposure to violence and substance misuse in adulthood: The first Brazilian national survey. *Addictive Behavior, 36*(3), 251-255.
- Maldonado, M. (1997). *Os construtores da paz: Caminhos da prevenção da violência*. São Paulo, SP: Moderna.
- Martin, S. E., & Bryant, K. (2001). Gender differences in the association of alcohol intoxication and illicit drug abuse among persons arrested for violent and property offenses. *Journal of Substance Abuse, 13*(4), 563-581.
- Marzial, M. (2004). A violência no setor saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 12*(2), 147-148.
- Medina, R. B., Echeburúa, E., & Aizpiri, J. (2010). Características psicopatológicas y dimensiones de personalidad en pacientes adultos jóvenes dependientes del cannabis en tratamiento: un estudio comparativo. *Adicciones, 22*(3), 245-252.
- Micheli, D., & Formigoni, M. L. S. (2001). As razões para o primeiro uso de drogas e as circunstâncias familiares prevêm os padrões de uso futuro? *Jornal Brasileiro de Dependência Química, 2*(1), 20-30.
- Minayo, M. (1994). A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública, 10*(Supl.1), 7-18.
- Minayo, M. C., & Deslandes, S. F. (1998). A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Caderno de Saúde Pública, 14*(1), 35-42.

- Mitchell, J., Fields, H., D'Esposito, M., & Boettiger, C. (2005). Impulsive responding in alcoholics. *Alcohol and Clinical Experimental Research*, 29(12), 2158-2169.
- Monnot, M., Nixon, S., Lovallo, W., & Ross, E. (2001). Altered emotional perception in alcoholics: Deficits in affective prosody comprehension. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 25(3), 362-369.
- Moraes, R. (2001). *Drogas e álcool: Prevenção e tratamento*. São Paulo, SP: Komedi.
- Nascimento, M. (2006). Avaliação da raiva. *Psicologia: Pesquisa e Trânsito*, 2(1), 65-67.
- Neto, P., & Alves, R. (2007). *Terceiro Relatório Nacional sobre Direitos Humanos no Brasil (2002-2005)*. São Paulo, SP: Núcleo de Estudos da Violência.
- Oliveira, A. (2003). A violência e a criminalidade como entraves à democratização da sociedade brasileira. *Caderno CRH*, 38, 239-265.
- Oliveira, H., & Cardoso, J. (2004). Tuberculose no sistema prisional de Campinas, São Paulo, Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 15(3), 194-199.
- Paixão, A., & Beato, C. (1997). Crimes, vítimas e policiais. *Revista Tempo Social*, 9(1), 233-248.
- Pechansky, F., & Barros, F. (1995). Problems related to alcohol consumption by adolescents living in the city of Porto Alegre, Brazil. *Journal of Drug Issues*, 25(4), 735-750.
- Pechansky, F., Szobot, C., & Scivoletto, S. (2004). Alcohol use among adolescents: Concepts, epidemiological characteristics and etiopatogenic factors. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26, 25-38.
- Pierangelli, J. (2000). *Códigos Penais do Brasil – Evolução Histórica*. São Paulo, SP: Revista dos Tribunais.
- Raine, A. (2002). Biosocial studies of antisocial and violent behavior in children and adults: A review. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30(4), 311-326.
- Sabbatini, R. (2008). *O cérebro do psicopata: Almas atormentadas, cérebros doentes*. Retrieved May 31, 2008, from http://www.cerebromente.org.br/n07/doencas/index_p.html
- Sanceverino, S., & Abreu, J. (2004). Aspectos epidemiológicos do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no município de Palhoça. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(4), 1047-1056.
- Santos, S., Barcellos, C., Carvalho, M., & Flôres, R. (2001). Detecção de aglomerados espaciais de óbitos por causas violentas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 1996. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(5), 1141-1151.
- Satel, S. L., & Edell, W. S. (1991). Cocaine-induced paranoia and psychosis proneness. *American Journal of Psychiatry*, 148(12), 1708-1711.
- Scheffer, M., Pasa, G. G., & De Almeida, R. M. M. (2009). Atenção, ansiedade e raiva em dependentes químicos. *Psico*, 40(2), 235-244.
- Schmitz, J. M., Stotts, A. L., Sayre, S. L., DeLaune, K. A., & Grabowski, J. (2004). Treatment of cocaine-alcohol dependence with naltrexone and relapse prevention therapy. *American Journal on Addictions*, 13(4), 333-341.
- Serrat, S. (2001). *Drogas e álcool: Prevenção e tratamento*. São Paulo, SP: Komedi.
- Sheehan, D., Lecrubier, Y., Sheehan, K. H., Amorim, P., Janavs, J., Weiller, E., et al. (1998). The Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): The development and validation of a structured diagnostic psychiatric interview for DSM-IV and ICD-10. *Journal of Clinical Psychiatry*, 59(Suppl. 20), 22-33.
- Soares, K., Almeida-Filho, N., Coutinho, E., & Mari, J. (2004). Sintomas depressivos entre os adolescentes e adultos de uma amostra populacional de três centros urbanos brasileiros: Análise dos dados do “Estudo Multicêntrico de Morbidade Psiquiátrica”. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26(5), 218-224.
- Spielberger, C. D. (1979). *Inventário de ansiedade traço-estado*. Rio de Janeiro, RJ: Cepa.
- Tavares, F. (2008). *Das lágrimas à esperança: O processo de fortalecimento das mulheres em situação de violência doméstica*. (Dissertação de Mestrado não-publicada). Curso de Serviço Social, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Retrieved from http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1378
- Waiselfisz, J. (2008). *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros – 2008*. Brasília, DF: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana.
- Watzke, S., Ullrich, S., & Marneros, A. (2006). Gender and violence-related prevalence of mental disorders in prisoners. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 256(7), 414-421.
- Zanin, J., & Oliveira, R. (2006). Penitenciárias privatizadas: Educação e ressocialização. *Práxis Educativa*, 1(2), 39-48.